

A Cobertura Telejornalística no “Massacre de Suzano”: análise ética numa tentativa de entrevista do *Brasil Urgente*¹

Miguel Rodrigues de ARAUJO²
Nathally Kimberly dos Santos SILVA³
Ricardo Jorge de Lucena LUCAS⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE.

Resumo

Em março de 2019, uma escola em Suzano, São Paulo, foi palco de uma chacina realizada por dois ex-alunos. A postura de alguns profissionais durante a cobertura do fato, entretanto, foi questionada, como a de um repórter, do telejornal policial *Brasil Urgente*, ao tentar entrevistar a mãe de um dos atiradores. Diante disso, este artigo, motivado por uma entrevista com a professora responsável pela Secretaria de Comunicação de Suzano e baseando-se no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, realiza uma análise quanto à conduta ética do citado profissional. Para isto, o artigo discute a respeito da reiterada ligação entre o sensacionalismo e o jornalismo policial, através das contribuições de Angrimani (1995) e Romão, (2013) a fim de se compreender os fatores que possam ter contribuído para a atitude do profissional.

Palavras-chave: Sensacionalismo; Jornalismo Policial; *Brasil Urgente*; Massacre de Suzano; Ética.

INTRODUÇÃO

O uso de estratégias sensacionalistas, a fim de causar impacto e alcançar familiaridade com o público, populariza-se dentro de uma das ramificações do jornalismo que, apesar de conquistar a atenção pretendida, traz consigo uma série de violações aos preceitos fundamentais à dignidade humana: o jornalismo policial. Com matérias voltadas à criminalidade, à insegurança e à tragédia, os programas policiais receberam, na manhã do dia 13 de março de 2019, uma grande pauta: a notícia de que a Escola Estadual Raul Brasil, localizada na cidade de Suzano, em São Paulo, havia sido invadida por dois ex-alunos que acabaram vitimando, ao fim daquele dia, oito pessoas.

Desta forma, jornalistas de várias emissoras deslocaram-se imediatamente ao local a fim de transmitir as informações sobre o ocorrido. Contudo, conforme Andriatti

¹ Trabalho apresentado na “IJ01 – Jornalismo”, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante 3º semestre de Jornalismo - UFC, email: miguelaraujo@alu.ufc.br

³ Estudante 3º semestre de Jornalismo - UFC, email: nathallykimberly@alu.ufc.br

⁴ Orientador do trabalho, Doutor em Comunicação e professor da Universidade Federal do Ceará. Email: ricardo.jorge@gmail.com.

(2019), algumas emissoras não agiram de maneira ética, pois apresentaram atitudes desrespeitosas ao buscarem esclarecimentos precipitados do corpo docente da escola ou ao capturarem imagens de vulnerabilidade dos familiares com o intuito de chocar os espectadores. Sendo assim, buscamos compreender: quais fatores levam um jornalista a renunciar de sua postura ética para conseguir uma informação exclusiva?

Para isto, recorreremos a pesquisas de autores como Angrimani (1995) e Romão (2013), com o propósito de apresentar a intrínseca relação entre o sensacionalismo e o jornalismo policial. Ademais, serão contemplados alguns aspectos que envolvem o jornalismo policial: seus métodos de produção, sua consolidação na grade da televisão brasileira, seus precursores no país e os motivos pelos quais os programas deste gênero jornalístico possuem tanta audiência.

Posteriormente, apresentamos, como objeto de análise, uma tentativa de entrevista realizada pelo repórter do telejornal *Brasil Urgente* Marcelo Moreira com a mãe de um dos atiradores. Pretendemos identificar, dentro dessa reportagem, infrações ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e aos Direitos Humanos, além de apontar as principais técnicas sensacionalistas e inquisitivas utilizadas para culpabilizá-la pelo massacre e para obter conteúdo exclusivo.

O Jornalismo Policial e o Sensacionalismo

Atualmente, a relação entre o jornalismo policial e o sensacionalismo parece se apresentar como indissociável. Porém, essa prática de tornar extraordinário algum acontecimento ou fato jornalístico teve sua origem entre os anos de 1560 e 1631, na França (ÉVRARD, 1997). Antes do advento dos primeiros jornais, os acontecimentos que eram interessantes e que tinham potencial de mexer com a imaginação do povo francês eram denominados *fait divers* (fatos diversos). O *fait divers* nada mais é do que a escolha de um item da notícia e não apenas o evento em si, mas o fato que relaciona um tópico do cotidiano do leitor com a notícia. Porém, somente no final do século XIX, o sensacionalismo se consagrou na imprensa. Berman (2003, p. 77) estabelece uma relação entre o sensacionalismo e o marketing moderno:

No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa de massa, o sensacionalismo acaba se profissionalizando dentro das regras do marketing moderno e, assim, passar a tomar conta não só dos jornais, como da imensa maioria dos produtos midiáticos. O nascimento desse

fenômeno está localizado principalmente nos Estados Unidos, berço do jornalismo de mercado e altamente empresarial e submetido à lógica da mais-valia do capital.

No período entre 1890 e 1910, alguns jornais apresentavam características sensacionalistas, como a espetacularização da notícia e a utilização de manchetes e de títulos chamativos, que possuíam um tom escandaloso e extraordinário, mas, também, cada vez mais próximo do que era vivido no cotidiano do leitor. Esta prática noticiosa, focada de forma prioritária na seleção e na ênfase de itens narrativos de ordem imagética exagerada e desproporcional à realidade, deve ser classificada como “jornalismo sensacionalista”. É o que argumenta Angrimani (1995), que define sensacionalismo como a *extrapolação do real*.

[...] Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria este tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional [...] Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível [...] (ANGRIMANI, 1995 p. 16).

Considerando as palavras de Angrimani, os noticiaristas, até mesmo os mais amadores, descobriram a fórmula do sucesso: uma equação de sexo, sangue e violência é a matemática perfeita para atrair a atenção e a curiosidade de leitores, tornando-os, assim, consumidores em potencial. Nesse contexto, é factível afirmar que o jornalismo policial utiliza-se de métodos sensacionalistas para agregar um público maior, e fiel, aos seus programas diários. Nestes, são exploradas imagens de violência e de pessoas em situações vulneráveis, e é possível relacionar essa prática com o pensamento de Berman (2003), que afirma que sempre existiu uma tendenciosidade humana em espreitar as desgraças do próprio homem:

Em rigor, o sensacionalismo está presente em manifestações das eras da pré imprensa e da imprensa, haja vista que a tendência humana para espiar as desgraças humanas parece estar enraizada na sua própria natureza. Aparentemente, os empresários da informação não fizeram nada além do fato de perceber essa vocação e aplicá-la como instrumento de “marketing” na venda de um produto cultural. (MARSHALL, 2003, p.76)

Entretanto, antes de expor tais mecanismos de sensacionalismo, é importante que se designe o que de fato constitui esse gênero. Para Romão (2013), uma boa forma de definir o jornalismo policial seria a partir de uma oposição deste em relação ao jornalismo televisivo tradicional. Uma das críticas direcionadas ao jornalismo policial é baseada na percepção de que a produção dos programas desse gênero os colocaria mais próximos do entretenimento do que do autêntico jornalismo. De acordo com Periago (2004, *apud* ROMÃO, 2013), a espetacularização da notícia policial, através de métodos sensacionalistas, vulgariza a TV, diminui a credibilidade do jornalista e falseia o conteúdo do fato diante da realidade.

O processo de produção realizado no telejornalismo é um dos principais fatores que buscam justificar as abordagens feitas dentro do conteúdo policiaisco dessa vertente. Evidentemente, ele apresenta diferenças substanciais quando comparado, por exemplo, ao jornalismo impresso; primeiramente, de acordo com Periago (2004, *apud* ROMÃO, 2013), no jornalismo televisivo a apuração dos fatos deve ser quase instantânea, o que gera praticamente uma impossibilidade de reflexão acerca dos acontecimentos que serão noticiados. Além disso, a duração de apresentação da reportagem é diferente, devido ao curto tempo disponível para sua exibição; como consequência, as notícias precisam ser mais simples e objetivas, sem espaços, muitas vezes, para investigações profundas. Dessa forma, ainda segundo Periago, (2004, *apud* ROMÃO, 2013), o jornalismo televisivo assume um formato mais dinâmico e superficial, preterindo o aprofundamento da notícia.

Outro aspecto que contribui para a consolidação, no jornalismo policial, de características pertencentes ao sensacionalismo, é a forma como o jornalismo televisivo brasileiro, ao longo do tempo, passou a se apresentar. Para Borges (2002, *apud* ROMÃO, 2013), historicamente o telejornalismo brasileiro, seguindo uma tendência internacional, foi se apresentando como uma forma de *show* televisivo; assim, ao invés da discussão de fatos e temas relevantes, viu-se, nas últimas décadas, a solidificação de uma produção de conteúdo voltada para a lógica da velocidade, da preferência do “ao vivo” e, principalmente, da troca da verdade pela emoção, sem tempo para o processo de reflexão acerca do que se está consumindo.

Além disso, no jornalismo policial, as funções dos repórteres e dos cinegrafistas acabam tendo acréscimos: eles devem também deixar a notícia mais interessante. Como resultado, temos profissionais mais participativos e opinativos, e estilos de filmagem mais livres, para conferir novos tons às imagens captadas, dando ênfase, no processo de edição, a aspectos considerados apelativos. Nessa conjuntura, o repórter de telejornal policial tem a “liberdade” de ser um integrante ativo da notícia. Segundo Periago (2004, p.11, *apud* Romão 2013, p. 34):

Em determinados casos, a interferência do repórter também serve para manipular momentos que não estão correspondendo com a expectativa de uma determinada situação. Nesse sentido, criam-se situações que aumentam o potencial de um fato para que ele se torne mais fluente aos olhos do telespectador. Esse processo pode transformar a telenotícia em um espetáculo de ficção, pois, em determinadas situações até elementos da dramaturgia como a tensão dramática, a identificação com o herói ou com vilões, as expressões oral e facial são utilizados para sensibilizar o espectador.

Um aspecto que diferencia o Jornalismo Policial do telejornalismo tradicional é a linguagem utilizada: enquanto este opta pelo uso de expressões mais formais e pelo uso de palavras que denotem impessoalidade, aquele utiliza uma linguagem informal, “muitas vezes se valendo de gírias, palavrões ou expressões coloquiais, que dão o tom de uma conversa direta com o telespectador” (ROMÃO, 2013, p. 34). Dessa maneira, é possível assimilar os motivos que levam os programas policiaiscos (como também são chamados os telejornais policiais) a alcançarem tanta audiência atualmente. Entretanto, é necessário também compreender como eles se consolidaram dentro da grade de programação da televisão brasileira.

Além do *Brasil Urgente*, foco de análise deste artigo, outros programas considerados policiaiscos também fazem parte da rotina de milhares de brasileiros, como o *Cidade Alerta* e o *Balanço Geral*, ambos transmitidos pela Rede Record de Televisão. É importante dizer, porém, que eles tiveram um antecessor, que apresentou grande influência na popularização desse estilo de produção midiática: o *Aqui Agora*, do SBT, apresentado por Gil Gomes. O foco daquele programa era tratar de casos policiais, com ênfase em aspectos grotescos e crimes escandalosos, e “alguns de seus elementos mais marcantes eram as reportagens em que o cinegrafista, com a câmera na mão, acompanhava Gil Gomes, enquanto este apresentava as cenas de forma dramática, com

entonações de voz marcantes e gestos bruscos” (ROMÃO, 2013, p. 35). Com esse modelo de produção de conteúdo, o *Aqui Agora* conseguiu índices altíssimos de audiência, como em 1993, quando exibiu, ao vivo, o suicídio de uma adolescente e assim conseguiu elevar sua audiência em 33%, alcançando cerca de 20 pontos em São Paulo, o que, na época, correspondia a cerca de 800 mil domicílios sintonizados⁵. Apesar de ter chegado ao fim em 1997, conseguiu também influenciar o surgimento de mais programas que explorariam a violência presente na sociedade brasileira, como o *Repórter Cidadão*, da Rede TV! (exibido de 2002 a 2005), o *Linha Direta*, da Rede Globo (exibido de 1999 a 2007) e o *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes. Este último será o foco da próxima discussão proposta neste artigo.

Brasil Urgente

O telejornal *Brasil Urgente* foi ao ar pela primeira vez em 2001. Apresentado por José Luiz Datena, o programa é veiculado de segunda-feira a sábado, no horário de 16h às 18h50min⁶, na Rede Bandeirantes. Na grade de programação exibida pelo site da emissora, é possível visualizar a descrição de como o telejornal se apresenta para o público:

Sempre ao lado do cidadão, o programa traz os principais acontecimentos do dia nas áreas de segurança, saúde, trânsito, trabalho e comportamento. E quando o assunto exige também fala de política e esporte. O público participa através das enquetes e das ações nas redes sociais.⁷

A descrição acima expõe as principais pautas abordadas pelo *Brasil Urgente*, além de sugerir a maneira como ocorre a relação com o seu público espectador: através de enquetes promovidas pelo programa e de engajamentos nas redes sociais digitais. Ademais, ao ler o fragmento “sempre ao lado do cidadão”, é possível perceber o estabelecimento, pelo telejornal, de uma postura que vai se destacar em sua composição: a de que o programa defenderá os interesses da população e que servirá também como um espaço em que seu público se sentirá representado.

⁵ Disponível em:

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-1993-aqui-agora-exibiu-suicidio-de-adolescente-e-chocou-o-brasil-4722>. Acesso em: 22 de Jul de 2019.

⁶ O tempo de duração do programa varia de acordo com a localidade, sendo que a edição de São Paulo é exibida de 16h às 19h20min. No Ceará, a versão nacional inicia às 16h e termina às 18h50min.

⁷ Ver: <https://www.band.uol.com.br/tv/programacao.asp?local=sp>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

Um dos aspectos que evidenciam a postura citada acima é a forma como o apresentador José Luiz Datena (mais comumente chamado de “Datena”) se comporta durante a exibição do *Brasil Urgente*, adotando um estilo totalmente opinativo e buscando ser enfático ao expor seus pensamentos, emitindo constantemente julgamentos sobre as personalidades que escolhe analisar durante o telejornal⁸. Essa prática marcou o estilo do programa e, também, do próprio apresentador, como afirma Romão (2013, p. 37):

No estúdio, Datena aparece com a postura que o consagrou: sempre em pé, assertivo, ríspido, muitas vezes grosseiro, comenta as notícias veiculadas, acrescenta informações ao vivo, julga e critica todos os envolvidos. Datena fala alto, gesticula, faz caretas, fala com desprezo e raiva.

Quanto ao conteúdo exibido, o *Brasil Urgente* é notado por apresentar e discutir notícias violentas⁹ e pesadas¹⁰. Ele costuma explorá-las de forma a tentar extrair ao máximo seus aspectos mais extraordinários, seja exibindo imagens de pessoas feridas¹¹, de cenas de violência¹², seja dedicando quase 6 minutos a uma reportagem e repetindo, exaustivamente, as informações nela contidas¹³. Através desses métodos, o telejornal realça o sensacionalismo em sua produção e pode, assim, conquistar uma maior audiência, como em 19 de julho de 2018¹⁴, data em que o programa conseguiu atingir 4 pontos de média e alcançar até 5,5 pontos de acordo com os dados consolidados do Kantar Ibope Media. Devido a esse desempenho, a Bandeirantes, na época, esteve na quarta colocação entre as emissoras com maior audiência no país.

Esse tipo de conduta dos profissionais envolvidos na produção do *Brasil Urgente*, entretanto, pode acabar levando-os a tomarem atitudes que podem ser consideradas abusivas, principalmente em casos de extrema comoção popular, como em coberturas de atentados. Devido ao desejo de garantir uma grande audiência, a cobertura nesses casos pode ter aspectos de sensacionalismo elevados ao ápice, como a

⁸ Exemplo de julgamento do apresentador disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XlxI_1kEI_k. Acesso em 15 de Maio de 2019.

⁹ Exemplo de notícia violenta disponível em: <https://bit.ly/2wVglwE>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

¹⁰ Exemplo de notícia pesada disponível em: <https://bit.ly/3lsszB>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

¹¹ Exemplo de imagens de pessoa ferida disponível em: <https://bit.ly/2laNBXp>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

¹² Exemplo de cena de violência disponível em: <https://bit.ly/2Zhx75x>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

¹³ Exemplo de reportagem exaustiva disponível em: <https://bit.ly/2XImecv>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.ocanal.com.br/audiencia-da-tv/com-tres-horas-de-duracao-brasil-urgente-e-maior-audiencia-da-band/>
Acesso em: 24 de Jul de 2019.

exploração da imagem de corpos de vítimas, a divulgação de vídeos que exibem a realização, na íntegra, do atentado, e a tentativa, também, de flagrar a comoção de familiares envolvidos nessas tragédias.

Os aspectos citados acima foram constatados durante a cobertura do *Brasil Urgente* no Massacre de Suzano. Nesse contexto, duas situações foram capazes de chocar a população e ambas serão retratadas neste artigo: o atentado à escola e a conduta adotada pelo telejornal - em especial, a ação de um repórter ao tentar realizar uma entrevista com a mãe de um dos atiradores.

O Massacre de Suzano

Na manhã do dia 13 de março de 2019, a população brasileira teve acesso às primeiras notícias a respeito de um terrível crime ocorrido no município de Suzano, Região Metropolitana de São Paulo. Por volta das 9 horas e 30 minutos, um ex-aluno, de 17 anos, e seu cúmplice, também ex-aluno, de 25 anos¹⁵, entraram na Escola Estadual Professor Raul Brasil encapuzados, com coturnos táticos e balaclavas de caveira, e, então, começaram a efetuar, de forma aleatória, diversos disparos com armas de fogo durante o horário de intervalo da escola, atingindo dezenas de pessoas e vitimando sete. Naquele mesmo dia, antes de ir à escola, a dupla roubou um carro em uma locadora de veículos, onde acabou sendo morto o tio de um dos atiradores. O carro roubado foi utilizado para a locomoção deles até a instituição de ensino. Os responsáveis pela tragédia buscavam o maior número de vítimas possível e partiram rumo ao Centro de Línguas da escola, onde se encontravam vários estudantes. Quando perceberam que a porta estava bloqueada e que ambos estavam encurralados pelos policiais da força tática, os assassinos decidiram tirar as próprias vidas. Um deles atirou no outro e em seguida suicidou-se. Ao todo, foram 10 mortos: cinco estudantes, duas funcionárias da escola, os dois ex-alunos e o tio de um deles, que fora baleado antes do atentado à instituição ocorrer.

¹⁵ Não divulgamos, neste trabalho, os nomes reais dos indivíduos que cometeram o crime para que não haja o risco de exaltação a eles, tendo como base os efeitos que a exposição midiática dos responsáveis pelo Massacre de Columbine, nos Estados Unidos, tiveram sobre autores de outros massacres que ocorrem no país após esse. Ademais, também optamos por não expor os nomes reais dos familiares dos atiradores do Massacre de Suzano como forma de proteção às suas imagens. Por isso, foram utilizados nomes fictícios.

Logo após o ocorrido, era possível perceber a presença de alguns jornalistas no local. Estes tinham a difícil tarefa de transmitir à população as primeiras informações sobre o que havia acontecido na escola. No início, as notícias se concentraram no fato em si; porém, logo passaram a seguir outros enfoques baseados na vida dos atiradores¹⁶ como, por exemplo, retratar suas características físicas, suas preferências pessoais, o que eles postaram nas redes sociais momentos antes do ataque e, também, seus desempenhos escolares.

Na Internet, vários portais de notícias publicaram materiais audiovisuais que mostravam os atiradores chegando à escola¹⁷. Em seguida, publicaram um vídeo gravado dentro do local em que ocorreu o crime e que mostrava alunos correndo e visualizando corpos de vítimas no chão da escola¹⁸. E, então, publicaram as imagens gravadas pela câmera de segurança da escola que exibiam, na íntegra, as execuções e os ataques cometidos pelos ex-alunos¹⁹. Essa conduta também foi adotada por emissoras de televisão, que, ao perceberem que as informações básicas sobre o atentado já haviam sido repassadas, optaram por utilizar novos métodos para captar a atenção dos telespectadores. Uma das estratégias escolhidas foi a de reproduzir imagens que mostravam, ainda que borrados pela edição, os corpos dos atiradores situados no chão da escola²⁰.

Considerando a readaptação dos funcionários após o massacre, a prefeitura de Suzano concedeu uma liberação temporária para os profissionais que estavam trabalhando ou auxiliando diretamente na escola no dia do ocorrido. Sendo assim, no dia 04 de abril de 2019, a professora e coordenadora Rosangela Matias Andriatti (2019), responsável pelo repasse de informações por meio da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Suzano no dia do ocorrido, compareceu a Fortaleza, Ceará, para realizar um encontro temático intitulado “Educação contra a barbárie”. Durante a conversa, Rosangela afirmou que as primeiras emissoras que chegaram ao local da tragédia invadiram o espaço reservado para informações de familiares, a fim de capturarem

¹⁶ Exemplo de matéria falando sobre a vida dos atiradores disponível em: <https://bit.ly/2HwL0ai>. Acesso em: 20 de Maio de 2019.

¹⁷ Exemplo disponível em: <https://bit.ly/2XIOImc>. Acesso em: 20 de Maio de 2019.

¹⁸ Exemplo disponível em: <https://bit.ly/2u7WSI3>. Acesso em: 29 de Maio de 2019.

¹⁹ Exemplo disponível em: <https://bit.ly/2MlocIs>. Acesso em: 29 de maio de 2019

²⁰ Exemplo disponível em: <https://youtu.be/bLKA2JfEO2o?t=1095> Acesso em: 30 de Maio de 2019

imagens das vítimas em situação vulnerável e de obterem informações precipitadas do corpo docente da escola. Outra situação de desrespeito ocorreu quando os repórteres buscaram entrevistas com os adolescentes em estado de choque ou com parentes recém-acordados após desmaios.

Para complementar as informações sobre o comportamento da mídia instantes após o massacre, realizamos uma entrevista, no dia 19 de maio de 2019, via e-mail, com a professora. Ao ser questionada sobre a qualificação da cobertura midiática do caso, Rosangela foi categórica ao mencionar o desrespeito com os familiares das vítimas e a conduta oportunista dos veículos de comunicação. Em especial, a professora citou a Record e a Rede Bandeirantes como exemplos de emissoras que cometeram atos desrespeitosos ou não empáticos com as famílias ou com o corpo docente da escola.

O depoimento feito por Rosangela nos confirmou, ainda mais, a necessidade de uma análise a respeito de uma reportagem realizada pelo repórter Marcelo Moreira, no programa *Brasil Urgente*, ao tentar entrevistar a mãe de um dos atiradores.

Análise da tentativa de entrevista sob o viés da ética jornalística

É indiscutível que o que ocorreu em Suzano teria de ser noticiado e mostrado, ainda mais se forem observados os critérios de noticiabilidade utilizados para a seleção de pautas para coberturas telejornalísticas. O que deve ser levado em consideração, com maior vigor, é a forma como as notícias foram veiculadas, em especial, pelos programas policiais. Sendo assim, Christofolletti (2008) aponta uma discussão importante no campo da ética jornalística:

Por que é importante flagrar o cidadão comum que se contrapõe ao arbítrio, mesmo que não se saiba o nome dele? Essa e outras perguntas estão diretamente ligadas às condutas dos profissionais envolvidos nessas coberturas. Referem-se ao questionamento dos limites morais do jornalismo e da mídia em geral. Aqui, o nome do jogo é ética (2008, p. 10).

Em vista disso, a reportagem²¹ aqui analisada neste artigo, após veiculada na Rede Bandeirantes foi, em seguida, publicada na plataforma de vídeos YouTube. Até a data de 10 de maio de 2019, o vídeo obteve 1.530.478 visualizações, cerca de 14.000 curtidas favoráveis e de 11.000 curtidas desfavoráveis, além de 8.983 comentários.

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WhVg0NsRrRw>>. Acesso em: 04 de Jun de 2019.

A matéria foi chamada pelo apresentador José Luiz Datena acompanhada do título “Massacre na escola” e do subtítulo “Exclusivo! Mãe do atirador Gustavo²² desabafa”. O material tem duração de 2 minutos e 26 segundos e consiste numa tentativa de entrevista²³ do jornalista Marcelo Moreira com a mãe de um dos atiradores.

O subtítulo da matéria indica uma das características do programa: tornar extraordinários os aspectos das notícias. Sendo assim, a palavra “desabafa” sugere que a mãe procurou o veículo de informação para contar sobre sua situação, porém, não foi isso o que, de fato, aconteceu. Outro indício do anseio pelo ineditismo está no trecho “Exclusivo!”.

Inicialmente, aparecem imagens do repórter andando atrás da mãe, que segue percorrendo uma rua, em direção a casa do pai dela, em busca de outras informações sobre a tragédia. Nesse momento, uma série de perguntas são direcionadas a ela, que, no decorrer da reportagem, leva a mão ao rosto inúmeras vezes e aumenta a velocidade dos seus passos, demonstrando estar constrangida com a situação. Isso nos leva à primeira infração ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: em seu artigo 6º, parágrafo I, consta que é dever do jornalista opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios da igualdade soberana expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Podemos perceber como, na conduta do jornalista Marcelo Moreira, ele busca incentivar as respostas, assumindo o caráter opinativo e participativo ao emendar questionamentos, como “Tiravam sarro dele? É importante você falar para defender a honra da tua família”, sendo evidente a opção por um tratamento no mínimo inadequado e que viola o artigo 6º, parágrafo VIII, que reitera o dever do jornalista de respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão. Em conformidade com a violação acima citada e ao artigo 9º, que explicita que a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística, em novo trecho Marcelo Moreira indaga: “Você se sente culpada de alguma forma, Regina²⁴?”. Desta forma, observamos as incessantes tentativas de obtenção de alguma frase ou expressão que

²² Idem ao item 15.

²³ Neste artigo, utilizamos a nomenclatura “tentativa de entrevista” pois não houve indícios de disposição da suposta entrevistada para dar esclarecimentos ou para responder às perguntas feitas pelo repórter, devido a forma como a mesma foi abordada e devido ao momento pelo qual ela estava passando.

²⁴ Idem ao item 15.

culpabilize a mãe, recém-informada do acontecido pelos atos do filho, tornando a atitude do jornalista desrespeitosa e invasiva. Conforme Periago (2004, *apud* ROMÃO, 2013) cita como característica do jornalista policialesco, Marcelo Moreira busca deixar a notícia mais interessante pressupondo razões que levariam o adolescente a cometer o crime naquela manhã, como na afirmação “Ele jogava videogame até tarde, ele dizia que ia matar”. Naquele momento, há a imposição da causa do ocorrido e, em conjunto, a designação da mãe como a responsável, por ela não ter regulado o horário de lazer do adolescente.

A tentativa de entrevista segue, bem como os questionamentos inoportunos e também a visível inquietação da “entrevistada”. Assim como Berman (2003) ressalta a necessidade do homem em espreitar as desgraças do próprio homem, Marcelo Moreira também deseja saber quais serão as atitudes dela após o massacre, como no trecho em que interpela: “O que você vai fazer daqui pra frente?”, no qual recebe a resposta de que ela mesma não sabe. Entretanto, mesmo com essa réplica, ele não deixa de insistir em receber mais depoimentos de sua “entrevistada”, e em seguida pede para ela falar com a equipe do telejornal e mostrar seu rosto às câmeras. Mais uma vez, ele comete uma violação do parágrafo VIII do Artigo 6º, ao não respeitar o direito à privacidade e à imagem do cidadão.

Em algumas perguntas, o profissional do *Brasil Urgente* aparenta tentar construir um diálogo, e para isso ele faz uso de uma linguagem informal, o que é ressaltado por Romão (2013) como uma das peculiaridades do jornalismo policial. Ao perguntar “O Gustavo²⁵ comentou com você que queria comprar a arma?”, ele infere que, se o atirador tivesse falado com a “entrevistada” a respeito do seu desejo de comprar uma arma, então ela poderia ter impedido seu filho de cometer o massacre. É possível observar, de forma mais clara, essa aparente tentativa de responsabilizar pelo ocorrido, em algum nível, a “entrevistada” através da pergunta: “O que você poderia ter evitado? Conversado com ele?”. Nesse trecho, o profissional já assume o tom de culpabilidade da mãe ao utilizar o verbo “poderia”, inferindo que ela teria a capacidade de agir antes de o evento acontecer e, assim, impedi-lo. Essa tentativa de culpá-la

²⁵ Idem ao item 15.

infringe, novamente, o Artigo 9º, que afirma que a presunção da inocência é um dos pilares da atividade jornalística.

O fato de ele seguir a mãe por mais de dois minutos também demonstra o processo de produção realizado no telejornalismo, em que, conforme explicitado por Periago (2004, *apud* ROMÃO, 2013), a apuração dos fatos deve ser quase instantânea. Por isso, há a intenção de tentar extrair, ao máximo, depoimentos que possam ser impactantes e inéditos para o caso, tendo em vista que, na época, as investigações estavam apenas começando e muitas informações veiculadas nas redes sociais e na mídia ainda careciam de comprovações - por exemplo, a suposição de que algum dos praticantes do crime pudesse ter sofrido *bullying* durante o período escolar²⁶. Devido a isso, em certo momento, Marcelo Moreira enuncia: “Ele comentou com você do *bullying*?”, justamente para conseguir uma resposta que servisse de “prova” ao seu questionamento.

Em alguns instantes, o tema principal das perguntas feitas por Marcelo Moreira passa a ser, em vez de um dos responsáveis pelo massacre, a própria mãe, como no trecho “Você quer alguma coisa? Alguma ajuda?”. Ela responde que quer “paz” e continua tentando se desvencilhar da equipe do *Brasil Urgente*, mas seu desejo não é respeitado e ela continua a ser seguida.

O vídeo é encerrado após Marcelo Moreira perguntar o que a mãe teria para dizer às famílias que perderam seus entes no Massacre de Suzano. Ao responder à última inquirição feita pelo jornalista, ela pede desculpas e afirma, visivelmente constrangida e abalada, que não sabe o que aconteceu.

Essa tentativa de entrevista, entretanto, não fere apenas algumas das normas estabelecidas pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Ela, como um todo, é um desrespeito aos Direitos Humanos, em particular ao artigo 5º do Pacto de San José da Costa Rica, que dispõe sobre os direitos à integridade pessoal, na qual toda pessoa tem direito a que se respeite sua integridade física, psíquica e moral.

Apesar da análise feita dar margens à interpretação de que a atitude do profissional foi planejada de maneira individual, é necessário avaliar, também, os

²⁶ Exemplo de matéria que sugere a ausência de *bullying* disponível em: <https://bit.ly/2I9VeNM>. Acesso em: 08 de Jun de 2019.

contextos que envolvem a realização dessa tentativa de entrevista: a emissora para a qual ele presta serviços, as características exigidas por quem produz conteúdo para o jornalismo policial e, por fim, a linha editorial do programa. Como elucidado anteriormente, através do pensamento de Borges (2002), o jornalismo televisivo brasileiro, nele incluso o telejornalismo policial, tem tido uma produção de conteúdo voltada para a troca da verdade pela emoção, sem que haja tempo para o processo de reflexão acerca do que se está consumindo e, no caso, produzindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber que o jornalismo policial possui, desde o seu surgimento, uma ligação intrínseca com os métodos e com as práticas sensacionalistas, a fim de conquistar cada vez mais a fidelidade do público. Por isso, buscamos mostrar que o *Brasil Urgente* também se apropria da fórmula do sucesso que conquista tantos espectadores: uma equação de sangue e de violência. Sendo assim, esses fatores (dentre outros) levaram o repórter do telejornal a renunciar de sua postura ética para conseguir uma informação exclusiva e a agir de forma desrespeitosa e insensível com a mãe de um dos atiradores do Massacre de Suzano, porém não justificam sua ação.

Por mais que essa postura possa ter sido fundamentada nas características de produção do programa e do telejornalismo policial, é preciso que haja uma reflexão crítica quanto à atitude do profissional, pois um jornalista deve agir sempre com responsabilidade e com respeito. Conforme analisado na reportagem telejornalística do *Brasil Urgente* quanto ao Massacre de Suzano, é possível concluir que a estratégia de diálogo estabelecida pelo repórter Marcelo Moreira para tentar extrair declarações da mãe de um dos atiradores foi imprudente e repleta de inquisições direcionadas à “entrevistada”, que claramente estava desconfortável diante de tamanha pressão e exposição. Além disso, as perguntas elaboradas demonstraram uma tentativa do jornalista de conseguir um furo de reportagem e de extrair depoimentos inéditos que explicassem os verdadeiros motivos do massacre, já que as investigações oficiais estavam apenas iniciando.

Pelo exposto, identificamos graves violações aos Direitos Humanos e ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. À vista disso, acreditamos que a conduta

ética é fundamental para que haja a prática da cidadania e do respeito ao próximo, e no jornalismo policial essa configuração não poderia ser diferente, considerando sua importância para a sociedade. Por isso, entendemos a necessidade de estudos (inclusive de nossa parte) nessa vertente jornalística, considerando outros fatores, como a perspectiva editorial, a fim de que possamos entender, de forma mais ampla, a conduta do profissional do *Brasil Urgente* diante da pauta recebida. Estudos dessa natureza serão importantes para a defesa do verdadeiro objetivo do jornalismo: o de informar com qualidade, responsabilidade e ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIATTI, Rosangela Mattias. **Contato para auxílio em Artigo Acadêmico sobre ética na imprensa na cobertura de Suzano** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nathallykimberly@alu.ufc.br cco: miguelaraujo@alu.ufc.br> em 19 mai. 2019.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme Que Sai Sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995. 158 P.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 1998. Disponível em:
<<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

ÉVRARD, Franck. **Fait Divers et Littérature**. Éditions Nathan, Paris, 1997.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em:
<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

MÃE de atirador diz não saber o que motivou atitude do filho. Realização de Brasil Urgente. Suzano, 2019. (2 min.). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=WhVg0NsRrRw>>. Acesso em: 04 Jun. 2019.

MARSHAL, Leandro. **O Jornalismo na Era da Publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

NEGRINI, Michele. **Autoridades sob o Olhar de Datena: uma análise do discurso do programa Brasil Urgente**. Rumores, v. 1, n. 2, 25 jun. 2008.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo Policial: indústria cultural e violência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.